



doi D.W. Winnicott evoluindo e continuando: uma consideração sobre a influência e as teorias de pensamento implícitas de Winnicott

D.W. Winnicott Evolving and Continuing: A Consideration of Winnicott's Implicit Theories of Thinking and Influence

 Margaret Boyle Spelman*

Resumo: Winnicott evoluindo e continuando. Um exame das teorias implícitas de Winnicott sobre pensamento e influência. Após a morte de um pensador e escritor tão prolífico como D. W. Winnicott, que não participou de nenhuma escola psicanalítica e que recusou qualquer prosseguimento formal de seu próprio pensamento, é válido questionar se esse pensamento morreu com ele, ou se se encontra presente de forma discernível nas reflexões de outros autores (e de que maneira). Esse paper destaca as perguntas formuladas e o método utilizado em um estudo no qual me debrucei sobre a evolução do pensamento de Winnicott durante sua vida e após sua morte, por duas gerações de sua família analítica. Discute os “elementos facilitadores” identificados no pensamento de Winnicott e explora as implicações de tais traços.

Palavras-chave: Winnicott, elementos facilitadores, pensamento criativo, Lovejoy, Bloom.

Abstract: Following the death of a prolific thinker and writer such as D. W. Winnicott, who was not a participant in any school of psychoanalytic thought and who eschewed any formal following of his own thinking, it is a valid question to ask whether or not his thinking dies with him or does it continue to have a discernible presence and growth in anyone else's thinking, and if so, what form does that presence take? This paper outlines the questions asked and the method used in my study undertaken to look at the evolution of Winnicott's thinking during his lifetime and since his passing in a further two generations of his analytic family. It discusses the identified 'facilitating features' of Winnicott's thinking and explores the implications arising from these features.

Keywords: Winnicott, Facilitating features, Creative thinking, Lovejoy, Bloom

* Psicanalista, Mestre em Psicologia pela Universidade de Dublin e PhD pelo Centro de Psicanálise da Universidade de Essex. Diretora do Centro de terapia de Castleknock, Irlanda.

1. Introdução

Neste artigo, pretendo explicitar a teoria implícita de Winnicott sobre pensamento criativo e influência. O que exponho para consideração vem de minha pesquisa acerca da história das ideias de Winnicott como um caso de estudo sobre o pensamento analítico (Spelman, 2013a). Talvez isso explique as observações regulares feitas a respeito do caso e da frequência do uso de seu pensamento. Este artigo também apresenta uma oportunidade de pensar o lugar que Winnicott continua ocupando dentro da psicanálise.

Entre outras coisas, a obra *A evolução do pensamento de Winnicott* (Spelman, 2013a) considerou as ideias do psicanalista contrastando-as com um pano de fundo teórico composto por duas figuras: Arthur Lovejoy e Harold Bloom. Procuro explicitar que há pontos básicos de similaridade entre os conceitos de Winnicott e os princípios de Lovejoy, porém, há pontos em Winnicott que são contrastantes com a teoria de Harold Bloom. A maneira de pensar de Lovejoy é a mesma de Winnicott, já a de Bloom é muito diferente.

O pensamento desses três homens apresenta uma consciência da importância do ambiente: para Winnicott, ele é essencial para um desenvolvimento saudável e a qualidade da experiência; e, para Lovejoy, é o espaço livre no qual as ideias podem ser traçadas enquanto viajam, efetuando a manifestação da ideia. Lovejoy e Winnicott apontam a noção de ambiente de pensamento como facilitador e adaptador. Vamos então conhecer esses dois homens e as ideias de Bloom antes de explorarmos o que há de comum entre Lovejoy e Winnicott.

No início do século XX, o historiador americano Arthur O. Lovejoy (1873-1962) cunhou a frase “a história das ideias” e iniciou seu estudo sistemático. O primeiro capítulo de seu livro *The Great Chain of Being (A grande cadeia do ser)* (2009), originalmente publicado em 1936, apresenta o que pretendia ser o programa e o escopo do estudo da história das ideias.

Nascido em Nova York (1930-), Harold Bloom é um crítico literário prolífico, controverso e premiado, conhecido pelas polêmicas teorias da influência poética. Em seu livro seminal *The Anxiety of Influence (A anatomia da influência)*¹, Bloom sugere que uma relação de influência existe entre quaisquer artistas emergentes e seus precursores literários. Ele propõe que todos os textos literários são, inevitavelmente, uma má interpretação dos que o precedem. Para o autor, influências poéticas

¹ *The Anxiety of Influence*, que Bloom começou a escrever em 1967, deriva do exemplo de Walter Jackson Bate, *The Burden of the Past and the English Poet* (O peso do passado e o poeta inglês), reformulado de forma psicanalítica. Bloom cresceu em um lar onde se falava ídiche e aprendeu esse idioma e o hebraico antes do inglês. Ele é professor da Universidade de Yale, categoria *sterling*, correspondente ao mais alto grau acadêmico da universidade. Entre 1988 e 2004 foi, também, professor categoria *berg* da New York City University. Em 2010, se tornou membro fundador do Ralston College em Savannah, na Geórgia, que se dedica ao estudo de textos primários.

estão relacionadas à ideia de Freud de ansiedade: um novo poeta é primeiro inspirado a escrever através da poesia de outro, mas a admiração se transforma em ressentimento quando o novo poeta descobre que o outro poeta já disse tudo o que ele gostaria de dizer. Para evitar esse obstáculo e acrescentar algo à tradição, o novo poeta deve se convencer de que o poeta anterior falhou de alguma maneira em sua visão. O livro de Bloom (1975/1997) é considerado uma importante afirmação no tema da tradição e do talento individual.

2. A ideia de Bloom sobre influência no ambiente de pensamento

Bloom (1975/1997) sugere que sua teoria foi entendida de maneira errada e que não pretendeu ser edipiana. No entanto, por meio de seu tom e conteúdo, os quais ele afirma não serem edipianos, ele ressalta justamente o fato de o serem. O autor apresenta a noção de ambiente de pensamento, que é *perigosamente rival* e no qual é preciso competir para a sobrevivência criativa.

Winnicott diz que Freud acreditava que o primeiro ambiente fosse dado como certo. Freud supunha que seus pacientes chegavam à situação analítica como pessoas inteiras (integradas) separadas, comunicando-se com um analista inteiro (integrado) e separado. Ao enfatizar a importância primária do estágio edipiano na psicanálise, Bloom passa a lhe dar maior importância em suas suposições sobre a *natureza* do ambiente de pensamento e da influência. Para ele, o ambiente é tido como perigoso e, subsequentemente, envolve brigar e ganhar supremacia em vez de envolver um desejo de contribuir para algo compartilhado.

A teoria de Bloom renega o pré-edipiano. Isso é claramente estabelecido no estágio edipiano, com pensadores inovadores disputando uma posição de destaque. Só pode haver um “rei do castelo”. O sucesso do pensamento criativo de um indivíduo significa a “morte” necessária do pensamento de outro. Para Bloom, o pensamento criativo e o ambiente de pensamento têm em seu centro a ansiedade. Compete-se e briga-se fisicamente pela sobrevivência criativa até a morte. A percepção da influência do pensador predominante sobre o novo pensador deve ser distorcida de modo que a ansiedade seja evitada e que o novo pensador possa ser criativo.

3. Características facilitadoras no pensamento de Winnicott

Meu amplo estudo supõe uma relação sinérgica: *a presença de Winnicott nas gerações analíticas subsequentes facilitam simultaneamente a expansão de seus conceitos e, também, o crescimento do pensamento independente de outros*. Na ordem cronológica de leitura do pensamento de Winnicott, uma série de características facilitadoras foram encontradas, características essas que

pretendem ser facilitadores do pensamento em geral, especificamente do uso do pensamento de Winnicott no lugar de outros: a confiança no crescimento espontâneo; o prazer na comunicação; a aceitação da individualidade e da complexidade; a importância da experiência e do “entre” conceitos; a importância do ambiente; a importância de classificações não dogmáticas; a importância do *self* verdadeiro e da espontaneidade; a confiança no desenvolvimento moral que ocorre naturalmente; a fantasia da destruição por meio do amor mesquinho/da alimentação; a importância da saúde para a fusão do afeto e da aceitação da destrutividade do outro; o período de hesitação; a comunicação interdisciplinar e a importância tanto da ciência como da arte; a importância do que é prazeroso e da vida criativa; e a importância do espaço de transição e da capacidade de estar sozinho na presença de outro. O último, mas não menos importante ponto dessa lista, é a capacidade de usar um objeto, que discutiremos em breve.

O mapa das características facilitadoras de Winnicott colaboram para o entendimento do pensamento similar de Lovejoy, informando os princípios deste para a história das ideias. As cinco principais ideias resumidas de Lovejoy (2009) são:

- Fazemos suposições e temos doutrinas inconscientes não escrutinadas, implícitas dentro de nossos “modos de pensar” e compostas por diversos elementos.
- As coisas são entendidas em termos de contraste, mas nenhuma explicação é comprehensiva, e aprender envolve necessariamente longos períodos de confusão e erros para entender.
- A história das ideias requer uma curiosidade necessária naqueles que se engajam nela: um interesse no funcionamento da mente de outros.
- Lovejoy está contra a diferenciação de áreas do pensamento e sente que deveria haver barreiras permeáveis.
- A história das ideias de Lovejoy usa como unidade básica de análise a ideia-unidade ou o conceito individual, ou seja, os blocos da história das ideias que permanecem relativamente inalterados mas que se recombina em novos padrões e ganham expressões em novas formas.

4. A evolução do pensamento de Winnicott sobre o pensamento e a influência

Exploro agora o que Winnicott tinha a dizer durante sua vida sobre o espaço do pensamento facilitador, sobre seu próprio processo de pensamento e sobre influência.

Em sua introdução à primeira coleção de artigos sobre o psicanalista, Khan (1958/1984, p. xvi) diz que Winnicott poderia aprender com outros apenas “se isso o despertasse mais amplamente em direção a seu próprio *self*”. Winnicott teria se dado conta de que “a interação entre originalidade

e a aceitação da tradição como a base para inventividade [é] apenas mais um exemplo, e um exemplo bem excitante, da interação entre separação e união (Winnicott, 1967/1996, p. 99).

A consciência de Winnicott sobre a influência estava implícita em sua dependência e em sua sensibilidade a seu ambiente de pensamento. A comunicação, o ato de escrever e o ato de escrever cartas sempre foram importantes para seu pensamento. Ele reclamava frequentemente na Sociedade Britânica de Psicanálise (British Psychoanalytical Society – BPAS) das influências dos kleinianos ou da linguagem usada por outros em seu ambiente de pensamento. Em 1952, ele afirma em uma carta que o pensamento criativo morreria se todos usassem uma linguagem kleiniana (Rodman, 1999, pp. 33-37).

Ser um pensador independente é uma preocupação constante para Winnicott. Em 1949, ele aponta em uma nota de rodapé que “outros podem ter dito isso de maneira melhor, mas não melhor para ele” (Winnicott, 1958a/1984, p. 177). Sabemos ainda, por meio de Enid Balint, que Winnicott estava apreensivo quanto a ler o trabalho de Ferenczi (Luepnitz, 1992), talvez sentindo-o como tão próximo ao seu que chegava a ser intrusivo.

Em 1945, Winnicott descreve seu *modus operandi*:

Eu não apresentarei uma pesquisa histórica e nem mostrarei o desenvolvimento de minhas ideias a partir da teoria de outros em primeiro lugar, porque minha mente não funciona desta maneira. O que acontece é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali e me debruço sobre a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, por último vem meu interesse em olhar para o que eu roubei de onde. Talvez este método seja tão bom quanto qualquer outro. (Winnicott, 1945/1984, p. 145)

Winnicott sentiu que seu pensamento derivava da experiência clínica. Ao posicioná-lo, sua meta para si mesmo era a autenticidade e a independência sem conformidade.

Em janeiro de 1967, quatro anos antes de sua morte, Winnicott se engajou na atividade que abordaria sua noção de influência. Ele se dirigiu ao Club 1952 a respeito do relacionamento de seu pensamento com outras formulações. Depois de notas que circularam sobre “D. W. W. Sobre D. W. W.” (1989), ele pediu a seu público que sugerisse quem o havia influenciado. Ele afirma que saiu da sala para que os ouvintes escrevessem seu *feedback*. Ele reviu cronologicamente o desenvolvimento de suas ideias, nomeando aqueles que o influenciaram em várias etapas. Ele começa: “Eu percebi mais e mais (...) o tamanho do que perdi ao não relacionar meu trabalho ao de outros (...) isso significa que o que eu disse foi dito isoladamente e as pessoas têm de fazer um grande esforço para chegar até isso. Acontece que esse é meu temperamento e é um grande erro” (Winnicott, 1967/1996, p. 573).

Ele termina por convidar sua audiência a ajudá-lo a suplementar sua lista de influências². Não é evidente a razão pela qual determinadas pessoas – além de Klein e Freud – são listadas³ quando há tantas omissões importantes. Entre elas deve estar, com certeza, C. G. Jung.⁴ Ao longo de sua carreira, Winnicott teve a característica de não saber se havia “criado ou encontrado” uma ideia. Isso parece ter sido vital para seu *self* profissional verdadeiro.

Em 1967, vemos Winnicott com uma opinião completamente diferente da de 1945. Ele procura ajuda para situar seu pensamento dentro do *corpus* da literatura psicanalítica e lamenta não ter feito isso antes. Em virtude de suas próprias confissões, sabemos que sua tentativa de listar suas influências é imprecisa. Ele sabe que sempre havia sido dependente e sensível à influência. Com uma consciência expandida de sua mortalidade, Winnicott percebe que havia valorizado sua singularidade e a independência de pensamento de tal modo que havia sido incapaz de posicionar seu pensamento de maneira precisa para a posteridade no firmamento psicanalítico. A teoria implícita do pensamento de Winnicott – com sua similaridade à de Lovejoy – sugere uma lógica para todas as características de seus sentimentos de influência. Voltaremos a essa questão posteriormente.

Consideramos anteriormente que as características facilitadoras do pensamento de Winnicott fizeram parecer que ele seria mais utilizado por outros. Consideremos o significado disso e também as similaridades entre Winnicott e Lovejoy.

5. O ambiente de pensamento pré-edipiano

Sabemos que Winnicott privilegiou o tempo pré-edipiano do nascimento da subjetividade. Esse é o tempo do espaço transicional: da separação que não é separação, mas uma forma de unidade; e da ilusão de unidade entre o bebê e a mãe, ilusão essa mantida por ela, indivíduo maduro saudável.

² Winnicott pede a seu público para ajudá-lo a escrever uma carta de maneira que ele possa se reparar “e unir-se às pessoas de todo mundo que estão fazendo um trabalho que” ele havia roubado ou ignorado. Ele diz: “não prometo seguir tudo isso, pois eu sei que só vou ter uma ideia que pertence ao lugar em que estou no momento, e não há nada que eu possa fazer a respeito” (Winnicott, 1989a/1989, p. 582).

³ Nessas notas, Winnicott inclui seções intituladas. A primeira, “O método de investigação”, lista Freud, Alice Balint, Ribble, Suttie e Lowenfeld como influências. A próxima é intitulada “Exame da relação pai-criança atual”, e lista Freud e Klein. “Delinquência” é a única seção datada (1940), e nela são listados Greenacre, Bowlby, Hartmann, Little, Fairbairn, Erikson e Laing. Para a próxima seção inteira, “Eu sou”, a única influência a que se faz referência em toda a página é Klein. Para uma pequena seção chamada “Ansiedades primitivas”, Fordham está listado e, para a pequena seção “Etiologia”, é a vez de Hartman estar listado. Para uma seção um pouco maior, “Contribuição para o conceito de sublimação”, Freud figura na lista. Para a única linha “Regressão”, Anna Freud está listada e, similarmente, Kris está listado para “Estagnação adolescente”.

⁴ A partir de 1962, Winnicott se refere à psicologia analítica de um modo como ele não havia feito anteriormente. Sabemos que ele tinha amizade com Michael Fordham, que pode tê-lo apresentado às ideias jungianas. Sabemos ainda sobre seu sonho jungiano. Abram (1996) lista quatro áreas conceituais diferentes sob o verbete “Jung”. Em duas palestras dadas na Squiggle Foundation (em 1983 e 1984) – e disponíveis através do arquivo da fundação –, Kenneth Lambert detalha os pontos de conexão entre o pensamento de Winnicott e o de Jung.

O que tanto Winnicott como Lovejoy enfatizam é a história inicial, próxima ao nascimento, de uma ideia. Eles fazem uma premissa: em seu começo, o pensamento criativo original, com a experiência da onipotência, é baseado na experiência original, da unidade com a mãe adaptativa.

Com o pensamento criativo, ambos⁵ privilegiam esse tempo de pré-fronteira inicial, quando o que é criado também é encontrado. Para eles, o pensamento criativo pode ocorrer quando o ambiente de pensamento é adaptativo. Lovejoy fala sobre “portões através de cercas”. Os dois reconhecem que, com o nascimento de uma ideia, um ambiente curioso, vivo e acolhedor é necessário. A experiência é onipotência, mas o fato é dependência e vulnerabilidade. A imposição de quaisquer necessidades do ambiente de pensamento – de reconhecimento de disciplina, linguagem, imagens, doutrina ou código moral – vai de encontro ao pensamento emergente e ou o destrói ou faz com que ele se adeque.

Sugiro, assim, que os cinco princípios de Lovejoy podem ter sido concebidos por Winnicott. O que essa compatibilidade significa? Talvez Lovejoy enuncie e explique o que está implícito no pensamento winnicottiano.

Winnicott e Lovejoy intuem as mesmas coisas sobre a natureza humana e o pensamento inovador. Pensadores pós-modernos, aceitam que suposições inconscientes sejam feitas e desconfiam da doutrina; aceitam a complexidade das coisas, com momentos de lucidez e confusão; presumem uma tendência natural ao sentido; frisam a dependência no ambiente de pensamento, este que precisa de uma relação permeável e livre para florescer. Eles reconhecem que ideias são parciais, complexas, provisórias, temporárias e imperfeitas. Essa conjuntura de ideias espelha o pensamento de Winnicott sobre o estado primário do desenvolvimento da subjetividade, que examinaremos a seguir.

6. Dependência absoluta e relativa no pensamento

Para que se possa pensar criativamente, necessita-se: das características winnicottianas de um ambiente suficientemente bom no início do desenvolvimento humano; da identidade relaxada com o ambiente; da experiência (em vez da fantasia) da onipotência; de uma ilusão de unidade com o não-

⁵ Em uma nova introdução ao livro *The Great Chain of Being*, de Lovejoy, Peter J. traça uma comparação entre as crenças filosóficas do poeta Robert Frost (1874-1963) e Arthur Lovejoy (1873-1962), que não se conheciam, mas foram contemporâneos na Universidade de Harvard. Frost considerava esse livro de Lovejoy e o anterior verdadeiras obras de arte. Os dois autores foram muito influenciados, ainda em Harvard, pelo professor William James. Para Stanlis, a maior afinidade no pensamento dos dois era a forte concordância com o ensaio de William James, “O polvo PhD”, que protestava contra o aumento do “número de PhD na vida americana” e a extensão do método científico para as humanidades. Para este estudo, é interessante a ênfase de Stanlin na valorização do pensamento independente e não conformista desses autores, de sua criatividade e de suas antíteses ao pensamento de Descartes e à instância pluralística. Os três têm um pensamento em comum com Winnicott e a escola de independentes.

eu; e da tolerância do paradoxo de que objetos são criados de uma vez e não encontrados. Desse modo, é necessário experimentar essa identificação não afetada com o ambiente ao longo do tempo.

O primeiro espaço transicional é o protótipo para buscas compartilhadas posteriores na sociedade, para a apreciação da cultura e para o “viver criativo”. No processo do pensamento, é apenas na fase mais tardia do pensamento dependente relativo parcialmente formado que a experiência da *separação* é requerida. Aqui, Winnicott fala sobre a demanda do ambiente de esperar um sinal de necessidade, ou seja, o gesto criativo do pensador. Assim, o ambiente delicadamente se desadapta, o que aumenta o sentido do *self* e da externalidade do outro.

Lovejoy e Winnicott privilegiam esses começos vitais, porém frágeis, como requisitos para a independência criativa. Winnicott fala sobre a capacidade de estar sozinho, que ocorre primeiro na presença de outra pessoa. No brincar, o bebê de início se desintegra e fica absorvido na fantasia da presença da mãe, que é temporariamente esquecida, mas que ainda está lá quando é buscada posteriormente. Esse também é o caso no ciclo benigno, quando a mãe sobrevive sem retaliação. Para Winnicott, os estágios primitivos de pensamento independente envolvem vestígios do ambiente perfeitamente adaptativo, ou seja, a não perturbação, a não integração e a onipotência em uma identificação relaxada com o ambiente de pensamento, que já está criado e foi encontrado.

Não se sabe se Winnicott leu o clássico de Lovejoy, mas seus conceitos têm equivalências na história das ideias. Os dois pensam de maneira semelhante sobre a criatividade e o pensamento humanos e privilegiam o pensamento criativo primário no ambiente facilitador de pensamento pré-edipiano quando “que pensamento pertence a quem?” não é a questão. Isso pode explicar por que Winnicott primeiro negou e depois se sentiu incapaz de se posicionar dentro do *corpus* da literatura psicanalítica. Isso pode contribuir para sua confusão em relação às suas influências e à sua necessidade de ajuda de outros para localizar seu pensamento na arena compartilhada. Também é precisamente por essa razão que, aqui, o pensamento de Winnicott é considerado facilitador para o posterior pensamento criativo e, sobretudo, independente.

No artigo de 1954, “Desenvolvimento emocional primitivo”, o psicanalista fala sobre a criança e a mãe na situação de alimentação. Ele diz: “Eu penso no processo como duas linhas vindo em direções opostas, sujeitas a se aproximarem uma da outra. Se elas se sobrepõem, há um momento de *ilusão* – um pouco de experiência que a criança pode usar *ou* como sua alucinação, *ou* como algo que pertence a uma realidade externa” (Winnicott, 1958a/1984, p. 52). Isso também pode ser dito da situação no início do pensamento: não integração imaginativa; ausência de forma; e confiança e alienação no ambiente, sem lugar para a questão sobre dentro ou fora ou para a influência. Em uma

posterior consciência sobre a alteridade do ambiente, a confiança cresce e o espaço transicional forma uma ponte entre dentro e fora.

Winnicott fala sobre o desenvolvimento da preocupação. Enquanto a criança desenvolve “*status de unidade*” e começa a conhecer a mãe como uma pessoa completamente separada dela, o objeto e os aspectos do ambiente da mãe se juntam. A criança sente uma consciência de endividamento, de “preocupação” pela mãe, a quem ela destruiu em uma fantasia inconsciente. A criança pode tolerar esse aspecto destrutivo, seu “fazer”, e continuar tendo gestos espontâneos *se a mãe* criar a oportunidade para sua “contribuição” reparadora. A natureza facilitadora do ambiente e a urgência de contribuir criativamente são *as* características importantes na teoria implícita de Winnicott sobre influência e construção de teoria.

Winnicott descreve, então, o aumento e a diminuição da necessidade da dependência relativa do bebê, necessidade essa expressa pelo se sentir separado ou se sentir fundido. Em um momento, a criança se sente separada e precisa da mãe a fim de um gesto, um sinal de sua necessidade. Em outro momento, a criança precisa de unidade e de que sua mãe preveja sua necessidade e se adapte a ela. Essa talvez seja a situação equivalente entre Winnicott e seu ambiente profissional, com seu pensamento criativo emergente.

No artigo “A localização da experiência cultural”,⁶ Winnicott (1971a/1996, p. 99) diz que não é possível ser original, a não ser nas bases da tradição. Ele descreve o viver ordinariamente e a “terceira área da experiência”, esboçando a *realidade compartilhada* de um domínio em que as pessoas contribuem criativamente. Para ele, o conceito freudiano de “sublimação” não explica a experiência cultural com sua riqueza, prazer e criatividade, um espaço transicional saudável em dependência relativa.

(Vemos de relance a natureza das elaborações imaginativas de Winnicott em seu adendo a esse artigo. Por mais de quarenta anos ele tem um “sonhozinho” recorrente quando cochila em um lugar imaginário que chama de “seu clube”. Ele cultivou os personagens e amigos que encontra lá e reconta dois sonhos. Ele imagina que isso é o que as pessoas que escrevem histórias fazem⁷; está lendo sem ler e escrevendo sem escrever. É como um novo tipo de espaço potencial “entre o entre espaços”,⁸ um refinamento nas categorias de experiência, um tipo de *espaço potencial* não tão próximo do

⁶ No texto “O lugar onde moramos”, Winnicott reitera esse papel usando uma linguagem do dia a dia para um público diferente. Nele, o psicanalista reitera o que tem a dizer sobre a terceira área da experiência.

⁷ Aqui, Winnicott se refere a John Galsworthy escrevendo *The Forsyte Saga*.

⁸ Winnicott diz que isso é o mesmo que a fantasia de uma criança e alerta contra sua análise. Ele recomenda esperar por um material que venha de uma camada mais profunda, usando-o como uma comunicação do inconsciente.

inconsciente como o sonhar regular e também não como o entre-espaço da experiência de estar ordinariamente acordado.)

7. O uso de um objeto e a influência de Winnicott

A totalidade do pensamento de Winnicott parece ter existido dentro dele desde o início, sendo apenas necessário desdobrar-se no ambiente facilitador. No último terço de sua vida, sua produção e seu ritmo de trabalho aumentaram significativamente. Havia uma verdadeira urgência em levar seu pensamento à arena pública. Esses fatos são pertinentes ao artigo “O uso de um objeto e o relacionar através de identificações”, que o psicanalista apresentou em 12 de novembro de 1969, em Nova York, dois anos e dois meses antes de sua morte. Em razão da maneira pela qual o artigo começa, não seria errado pensar que Winnicott havia esperado toda sua vida por ele: “Eu agora estou pronto para ir direto à declaração da minha tese. Parece que eu tenho medo de chegar lá, como se eu tivesse medo que uma vez que a tese seja publicada, o propósito da minha comunicação tivesse chegado ao fim de tão simples que é” (Winnicott, 1989/1989a, p. 222).

Rodman (2003, pp. 323-324) sugere que, junto ao fato de Winnicott estar tendo um ataque cardíaco durante sua palestra, o grupo de psicanalistas ortodoxos não estava acostumado à sua maneira de falar, o que contou muito para o fato de ele ter sido brutalizado nessa discussão. Posteriormente, Winnicott sentiu que não havia sido claro o suficiente e escreveu e reescreveu o artigo até sua morte.

8. A importância do ambiente para o pensamento criativo independente

Winnicott explica que o “uso de objeto” pressupõe a relação com o objeto, o que traz um novo aspecto que envolve o comportamento dele. O objeto é uma coisa em si mesma no “uso do objeto”, tem uma existência independente. Winnicott dá o exemplo de dois bebês no peito: um está se alimentando no *self* e o outro na fonte “outra-que-não-eu”, que pode receber um tratamento arrogante a não ser que seja retaliada. Mães/analistas podem ou não ser “suficientemente bons” para levarem o bebê/paciente do relacionamento ao uso.

O desenvolvimento da “capacidade de usar objetos” depende do ambiente facilitador. A habilidade do sujeito de colocar o objeto fora de sua área de onipotência é o que diferencia o “uso de objeto” da relação com o objeto. Este sobrevive ao uso impiedoso do sujeito e à destruição disso. O sujeito também pode usar o objeto que foi destruído e que sobreviveu e tornou-se real, com alegria

verdadeira sobre a sobrevivência daquele.⁹ Winnicott descreve a nova característica que chega à teoria da relação com objeto:

O sujeito diz sobre o objeto: “Eu te destruí” e o objeto está lá para receber a comunicação. De agora em diante o sujeito diz: “Oi, objeto!” “Eu destruí você.” “Eu te amo.” “Você tem valor para mim por causa de sua sobrevivência à minha destruição de você.” “Enquanto eu amo você eu vou destruir o tempo na minha *fantasia* (inconsciente)”. (Winnicott, 1971a/1996, p. 90)

Aqui, Winnicott diz que a fantasia começa para o indivíduo, que agora pode *usar* o objeto que sobreviveu. Na situação clínica, sem a experiência de destrutividade máxima, o sujeito nunca coloca o analista fora do *self* e está, até certo ponto, engajado com a autoanálise. O paciente analítico não depende do trabalho interpretativo, mas da sobrevivência do analista aos ataques sem retaliação. Eu proponho que, no desenvolvimento de um pensamento próprio independente dentro do ambiente de pensamento facilitador, o pensamento de outros deva estar disponível para ser encontrado/criado e “impiedosamente” usado.

Winnicott intuiu isso para as situações do desenvolvimento humano e do pensamento criativo. No artigo “O uso de um objeto no contexto de *Moisés e o monoteísmo*”, de 1969, ele faz do “uso de um objeto” o ponto central e mais importante: “No desenvolvimento emocional de qualquer bebê, há um momento de *dependência* quando o *comportamento do ambiente* é parte e parcela do desenvolvimento da criança” (Winnicott, 1989a/1989, pp. 244-245). Isso acontece num tempo antes do “repúdio do não-eu” ser atingido. Se a “pulsão amor-conflito” é destrutiva, necessariamente depende do objeto sobreviver ou não a isso. A destruição de um objeto que sobrevive leva ao “uso” e está ligada à ideia kleiniana de reparação.

Para Winnicott, monoteísmo e ter um pai (experimentar o primeiro objeto inteiro) são fatores no desenvolvimento do reconhecimento da individualidade¹⁰ humana. Ele diz que Freud, ao final de sua vida, começou a se interessar pelo desenvolvimento emocional *do indivíduo*. Winnicott sugere que ele próprio retomou do ponto onde Freud havia parado. O psicanalista se refere à “última e não dogmática obra de arte” de Freud e talvez considere que o conceito de “uso de um objeto” seja equivalente ao de “florescimento tardio”.

⁹ O Princípio da Realidade envolve o indivíduo em raiva e destruição reativa, mas, em condições favoráveis, a destruição desempenha um papel de criar a realidade, colocando o objeto fora do *self*.

¹⁰ Winnicott faz alusão à nota de rodapé de Freud em *Moisés e o monoteísmo*, referenciando-se ao “primeiro indivíduo na história”.

Winnicott (1989a/1989, p. 241) dá ênfase à importância das fases pré-fronteira, pré-objeto, primeira escolha de objeto e pré-edipiana da primeira diáda. Ele sugere revisitar o pensamento analítico sob à luz do trabalho feito com pacientes *borderline* desde Freud. Ele diz: “uma porção de pessoas não chega ao complexo de Édipo” (Winnicott, 1989a/1989, p. 241). Esse artigo sugere que ele também enfatiza a importância do pré-edipiano para o pensamento criativo independente e inovador e privilegia os aspectos transicionais e potenciais desse espaço de pensamento, para o qual o pensador independente e saudável contribui.

9. Conclusão

Neste artigo, o último importante conceito de Winnicott, “o uso de um objeto”, é considerado não tanto por sua importância clínica, mas como a declaração de Winnicott sobre teoria e influência. Propõe-se que a palestra que Winnicott deu em Nova York reconheceu realidades gêmeas: a iminência de sua morte e o uso futuro e a influência de seu pensamento. Seu escrito sobre o conceito de “uso do objeto” nos dias anteriores à sua morte, junto aos conceitos facilitadores precursores acumulados – tais como ambiente facilitador, experiência da onipotência, fenômenos transicionais, o brincar, o ciclo benigno e a capacidade de estar sozinho –, podem ser vistos como parte da teoria sobre a criatividade, o pensamento e a influência, através da qual seu conceito proporcionou a articulação máxima.

O artigo de Nova York sobre “o uso de um objeto” pode ser lido como o último desejo e como o testamento de Winnicott. Como sugeriu anteriormente, ele fala, em todos os sentidos, “a última palavra” de toda a sua tese. Não é sua ideia mais importante e o último de seus conceitos facilitando o uso futuro de seu pensamento, é a ideia que ele estava se apressando para concluir e na qual ele continuou a retrabalhar até sua morte; ela completa a trajetória de sua teoria sobre a teoria e seu pensamento sobre a influência. Ele sabe o que é necessário no pensamento criativo e inovador; é um reconhecimento, e um convite, para o uso impiedoso de seu pensamento por seus sucessores.

Esses últimos desejos são consistentes com as ideias expressadas ao longo de toda a vida do psicanalista: a originalidade cresce na tradição; a necessidade inicial de experimentar a onipotência e a total adaptação; e o paradoxo honrado no início da vida pelos pais em que a questão “você achou isso ou criou isso?” não é perguntada.

Ao longo da vida de Winnicott, seu interesse na individualidade, no prazer e na criatividade sempre aumentou. Ele se conscientizou e se perdoou pela dificuldade que teve quando relacionou seu pensamento ao de outros. Aqui ele está generosamente oferecendo seu pensamento para ser

brutalmente usado da mesma maneira que ele usou o pensamento de outros. Ele sugere que o maior elogio que pode ser feito a ele (talvez até maior do que as referências convencionais) é o uso de seu pensamento como um “ambiente facilitador” para o pensamento de outros.

O conceito de “uso de um objeto” é parte da teoria de Winnicott sobre a teoria e a culminância de suas ideias que facilitam o uso, não somente de seu próprio pensamento depois de ele já saber que sua morte se aproxima, mas também do de outros pensadores, incluindo aqueles que continuarão seu trabalho e seu legado e que asseguram a continuidade da evolução do pensamento winnicottiano no futuro do pensamento psicanalítico. Assim, senta-se convidado a usar as ideias aqui propostas da teoria implícita de Winnicott do pensamento e da influência.

Referências

- Bloom, H. (1997). *The Anxiety of Influence*. Oxford: Oxford University Press. (Original work published 1975).
- Khan, M. M. R. (1984). Introduction. In D. Winnicott, *Through Paediatrics to Psychoanalysis* (pp. xi-1). London: Karnac. (Original work published 1958).
- Lovejoy, A. O. (2009). *The Great Chain of Being*. New Jersey: Transaction. (Original work published 1936).
- Luepnitz, D. A. (1992). *Unpublished transcript of Luepnitz's interview with Enid Balint*.
- Rodman, F. R. (1999). *The Spontaneous Gesture: Selected Letters of D. W. Winnicott*. London: Karnac.
- Rodman, F. R. (2003). *Winnicott: Life and Work*. Cambridge: Perseus.
- Spelman, M. B. (2013a). *The Evolution of Winnicott's Thinking*. London: Karnac.
- Spelman, M. B. (2013b). *Winnicott's Babies and Winnicott's Patients*. London: Karnac.
- Spelman, M. B., & Thomson-Salo, F. (2014). *The Winnicott Tradition*. London: Karnac.
- Winnicott, D. W. (1984). Primitive emotional development. In D. Winnicott, *Through Paediatrics to Psychoanalysis*. London: Karnac. (Original work published 1945).
- Winnicott, D. W. (1984). *Through Paediatrics to Psychoanalysis*. London: Karnac. (Original work published 1958a).
- Winnicott, D. W. (1984). *The Maturational Processes and the Facilitating Environment*. London: Karnac. (Original work published 1965b).
- Winnicott, D. W. (1989). *Psychoanalytic Explorations* (C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis, Eds.). London: Karnac. (Original work published 1989a).

Winnicott, D. W. (1996). The location of cultural experience. In D. Winnicott, *Playing and Reality*. London: Routledge. (Original work published 1967).

Winnicott, D. W. (1996). *Playing and Reality*. London: Routledge. (Original work published 1971a).